



POR FELIPPE TAJTELBAUM,
ASSESSOR ECONÔMICO DA ABPO
✉: ABPO@ABPO.ORG.BR

PAPELÃO ONDULADO – ANÁLISE CONJUNTURAL

Como anda o desempenho do Papelão Ondulado (PO)? Bem, obrigado. Essa resposta se refere, evidentemente, apenas aos volumes do mercado. Quando a análise recai sobre o resultado econômico, infelizmente não podemos responder com o mesmo otimismo.

Em termos de volumes, a expedição de PO encerrou o mês de julho último com crescimento acumulado de 3,7% no semestre sobre o igual período de 2012, apesar das vendas relativamente fracas em junho e julho deste ano.

Encerrado o mês de maio, já se divulgava que o comportamento das vendas nos meses seguintes não seria o mesmo de até então, quando a expedição acumulada atingiu 5% de crescimento sobre o mesmo período de 2012.

Mesmo o valor acumulado até julho (3,7%) não deverá persistir até o final do ano, já que a base de comparação dos meses equivalentes de 2012, de agosto a dezembro, foram meses de elevados valores de vendas, em função das medidas governamentais de estímulo ao consumo.

Nossas projeções indicam que deveremos encerrar o ano com crescimento de 2,5% a 3% sobre 2012. Em face do comportamento geral da economia, estas nossas projeções nos parecem bastante satisfatórias.

Seria possível argumentar que, em se confirmando as previsões para o ano sobre o desempenho da indústria de transformação – importante indicador para o desempenho do PO, que aponta para valores acima de 2% de crescimento sobre 2012 – as perspectivas não seriam, na comparação, tão alentadoras.

Nesse sentido, deve-se verificar que a indústria de transformação encerrou 2012 com o mesmo volume de produção de 2008, ano que antecede o início da crise internacional.

Nesse período de quatro anos (de 2008 a 2012), a expedição de PO em toneladas cresceu 15%, ou, em média, 3,6% ao ano.

Dessa forma, a expedição de PO de 2012, como base de comparação para o crescimento em 2013, supera a da indústria de transformação, que parte de uma base muito deprimida.

Ainda que não se preveja nada de alentador para a economia geral para o ano de 2014, nada impedirá a continuidade de crescimento para o PO no próximo ano, pelo menos ao ritmo dos dois últimos anos (2012 e 2013), ou seja, em torno de 3%. Reportando-nos, por outro lado, ao desempenho econômico do setor, não se pode apresentar um cenário igualmente positivo.

O setor de PO, como se sabe, é bastante fragmentado, o que acaba representando atuações concorrenciais predatórias que resultam em preços bastante deprimidos.

Creio que foi Otto Lara Resende o autor do seguinte comentário: “Mineiro só é solidário no câncer”.

Julgamento idêntico poderia ser aplicado às empresas do setor de PO. Os muito tímidos e eventuais processos de reajuste de preços de vendas só acontecem quando as empresas, em função dos preços deprimidos, estão à beira do total colapso financeiro.

Para uma ligeira ilustração que permite avaliar o cenário do setor, em termos econômicos, vamos desenvolver um pequeno exercício de custos e preços. Tomemos como base o mês de julho último, em que temos os dados do setor encerrados e divulgados no *Boletim da ABPO* (informações prévias de julho/2013).

O preço médio praticado no mês de julho/2013 pelo conjunto total das empresas do setor foi de R\$ 3.087,00/t, obtido pela divisão do faturamento total do mês pela expedição total em toneladas. Reportando-nos a julho de 2011, dois anos antes do mesmo mês em pauta, o preço médio estava em R\$ 2.919,00/t.

Tomando-se nessa mesma data (julho/2011) o preço das aparas, insumo básico para a produção de papéis para PO – e cujos preços são de conhecimento público, com divulgação mensal –, o valor estava em R\$ 327,00/t. Em julho de 2013, o preço das aparas estava em R\$ 448,00/t, com tendência de alta (no momento em que escrevo este artigo, em meados de agosto, as aparas de PO estão acima de R\$ 500,00/t). Nos dois anos de nossa comparação, o preço das aparas teve aumento de 37% (sem considerar as elevações de preço após julho/2013)!

O conjunto total de custos do PO – fora o custo das aparas, que envolvem outras matérias primas, os custos de mão de obra, combustíveis, fretes, ferramentas, peças de reposição, etc. – teve, nesses dois anos de comparação, elevações de preços bem superiores à inflação do período, que, medida pelo IPCA, acusou a taxa de 11,8%.

Contra essa composição de elevações de custo e, certamente, aumento equivalente do valor de reposição dos Ativos Permanentes da Indústria (principalmente se levarmos em conta a desvalorização cambial de nossa moeda), o preço médio de vendas do PO, no período citado acima nessas análises comparativas, limitou-se a crescer 5,8%!

Sabendo-se que os resultados econômicos de julho/2011 não poderiam ser brilhantes, ao que não se costuma assistir no setor, qualquer dono de botequim de esquina (sem demérito para esses valorosos pequenos empresários) pode concluir que a situação econômica em julho/2013 não pode ser nada razoável.

Talvez o impulso necessário ao reajuste de preços do setor, para atingir resultados ao menos razoáveis, venha a ser provocado por fator indireto, que seria a escassez de matérias-primas. Não se trata de escassez de aparas, já que o setor é autossustentável no abastecimento desses itens, se tomarmos um ciclo de um ano de oferta e demanda de aparas (isso, inclusive, nos leva a indagar o motivo do longo período de aparas com preços em elevação, já que a eventual escassez só se justifica em períodos sazonais dentro do ciclo anual).

Senão, vejamos:

Ao longo dos anos temos assistido ao crescimento da produção de PO e, conseqüentemente, à maior demanda por papéis para isso. Se tomarmos como base a Produção Total de Papéis para Papelão Ondulado, nos últimos anos têm-se registrado taxas de recuperação de aparas, sobre aquela base, em torno de 85%, considerando-se não só as aparas de PO, mas as demais utilizadas na produção de papéis para PO, como as de

sacos de papel, mistas e outras de produtos que utilizam celulose kraft.

Considerando as perdas médias do total das aparas, na produção de papéis, de 15%, o percentual de aparas que entra na composição final dos papéis passa a 72,25% (85% menos 15% de perdas). O restante da composição dos papéis (27,75%) é completado com fibras virgens, o que se traduz na utilização de papéis kraftliner na produção de PO. Naturalmente estamos falando do total geral da composição, já que temos papéis para PO que levam de 0% de fibras virgens até 100% de fibras virgens.

Há embalagens que, em função de suas especificações técnicas, exigem a utilização de papéis de fibras virgens. Por outro lado, as fibras recicladas não são eternamente recicláveis, já que perdem as características físicas mínimas necessárias depois de quatro a cinco ciclos de reciclagem. Tecnicamente é, assim, indispensável à introdução no processo de 20% a 25% de fibras virgens.

Como não têm sido realizados investimentos em produção de papéis kraftliner em proporção ao aumento da produção de PO, a participação desses papéis na composição do produto final tem sido suprida com os volumes resultantes das reduções constantes das quantidades de papéis exportados.

Em 2006, atingiram-se 495 mil t de papéis kraftliner exportados ou 41,25 mil t por mês. Em 2013, estamos, até julho, com média mensal de exportação de 16,2 mil t, 25 mil t mensais abaixo de 2006.

Resumindo, a alta taxa de reciclagem de 85%, complementada pela indispensável participação de papéis kraftliner, tem sido suficiente para o abastecimento da cadeia, que nunca, ao longo dos anos, sofreu paralisações importantes na fabricação de papéis por falta de insumos, que representassem uma crise de abastecimento, e assim deverá continuar por essa característica de autoalimentação da cadeia. O risco de abastecimento mais provável diz respeito à própria capacidade de produção de papéis.

Não há notícia de investimentos importantes em capacidade de produção de papéis para PO no horizonte próximo – e estamos chegando ao limite de capacidade de produção e ao limite do expediente de redução de volumes de exportação (estamos exportando médias mensais de 19 mil t de todos os tipos de papéis para PO).

Como observamos, a escassez de papéis talvez seja o estímulo necessário aos fabricantes de embalagens de PO, para conduzirem seus preços a níveis que possibilitem desafogar seu aperto econômico e, quem sabe, remunerar de forma minimamente compensatória os investidores do setor. ■